

Malgas árabes do Cerro da Vila

José Luís de Matos *

Resumo

O autor estuda nove malgas alargadas da época árabe-califal do Cerro da Vila, Algarve, estação arqueológica com uma das maiores e melhores coleções de cerâmica árabe do Sul de Portugal. As taças aqui estudadas são do tipo das *ataifores* espanholas, sendo seis vidradas cor de mel, ornamentadas com óxido de cobre e manganésio, e uma taça decorada com desenhos brancos em cerâmica não vidrada.

Résumé

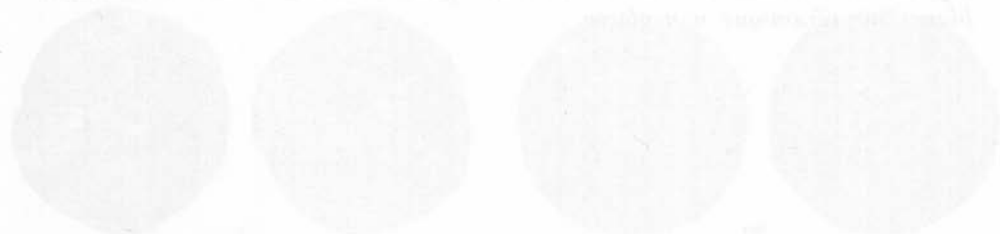
L'auteur étudie neuf bols élargis de l'époque arabe-califal du Cerro da Vila, Algarve, un site archéologique où existe à ce moment une des plus grandes et meilleures collections de céramique arabe du sud du Portugal. Les bols ici étudiés sont du type nommé ataufores en Espagne, six glacés couleur de miel avec décorations en oxide de cuivre et de manganèse, et un bol décoré de dessins blancs sur céramique non glacée.

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Major steps in Care da Vila



Location in Hanoi



Copyright © 1998 by Sage Publications, Inc.

A cerâmica árabe que apareceu nas escavações do Cerro da Vila, em Vila-moura, constitui um dos conjuntos mais importantes deste tipo de materiais existente no nosso país, quer pela quantidade, quer sobretudo pela variedade de tipos e homogeneidade das peças.

De facto a quantidade e qualidade da cerâmica aí recolhida até agora só tem paralelo com a que tem sido escavada em Mértola e é superior à colecção de Silves, dois locais onde tem sido encontrada nos últimos anos muita cerâmica árabe. Qualquer dos três locais forneceu, durante trabalhos em que o autor participou, mais cerâmica árabe que aquela que tinha sido depositada até então em museus portugueses. Torna-se portanto necessário publicar as séries cerâmicas do período referido que são já muitas, bastante coerentes e estão inéditas.

O conjunto cerâmico do Cerro da Vila revelou uma variedade muito grande de formas, quer abertas quer fechadas, que vão desde as malgas agora publicadas a bilhas de grande tamanho e a potes do tipo "dolium", passando por várias séries de tipos intermédios. No que respeita à cobertura e decoração, existem os vidrados transparentes, os vidrados melados, os esverdeados, decorados a verde e a manganésio. Não faltam os vasos vidrados a corda seca parcial e há mesmo corda seca total, cerâmica incisa e grande variedade de pinturas em vasos sem vidrado, com desenhos a negro, branco e vermelho. Grande variedade de pastas: vermelha, rósea, acastanhada, negra e branca.

O horizonte cultural do período árabe no Cerro da Vila é, no entanto, muito coerente, pois abrange o subperíodo califal e o dos taifas que se lhe segue, com relevância para os séculos X e XI.

Publica-se agora um conjunto de nove malgas (*ataifores* em espanhol), oito das quais vidradas e uma pintada. O termo malga é aqui adoptado por se julgar que ele define, melhor que qualquer outro, a forma e a funcionalidade do objecto estudado.

Das oito vidradas, seis apresentam o vidrado melado ou esverdeado, com decorações a óxido de cobre ou manganésio, e duas o vidrado transparente

sobre engobe branco e decorado a verde e castanho escuro. As quatro primeiras são de fundo côncavo e com pé de anel simples adossado ao fundo, a que se seguem duas de assentamento anular com pé de saliência e ligeiras carenas na base da parede junto ao pé. As três últimas peças têm o fundo ligeiramente achatado e assentam directamente, sem pé.



Localização do Cerro da Vila na península Ibérica.

São malgas que serviram certamente de recipientes para comida. As maiores destinaram-se a conter frutos, vegetais, carnes, etc., e as mais pequenas teriam a função de pratos individuais.

Como precedente directo destes vasos pode apontar-se o tipo das grandes “páteras” tardo-romanas ¹, de “sigillata clara”, de que aliás existem bons exemplares no Cerro da Vila.

N.º 1 — Malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 26,8 cm, altura 8,2 cm, espessura das paredes 0,6 cm.

Pasta: vermelha, bem cozida, poucos elementos acerbânicos.

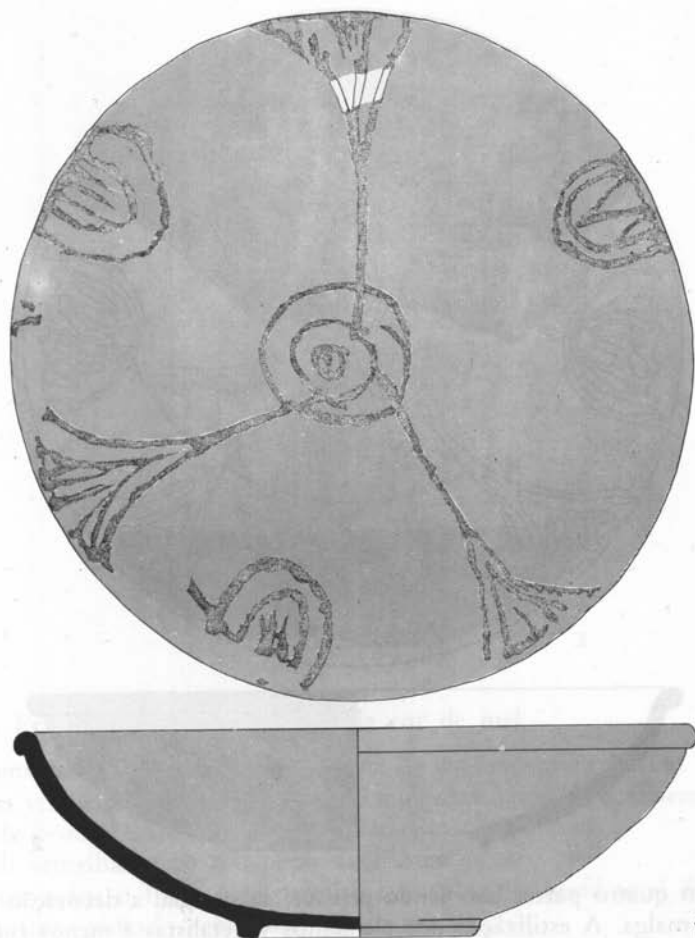
Perfil: malga de paredes curvas, bem projectadas, bordo ligeiramente saliente, pé de anel adossado a um fundo convexo.

Conservação: apresenta-se fragmentada e colada, faltando-lhe alguns fragmentos que não são essenciais nem para a definição do perfil nem para a visão da decoração.

Cobertura: vidrada com mistura de óxido de ferro (cerâmica melada) cobrindo o interior e o exterior da peça.

Decoração: o espaço interior é dividido em três porções aproximadamente iguais por três linhas radiantes que partem do centro da peça onde se vêem três círculos. A malga é decorada no interior com círculos, linhas e folhas estilizadas feitas com traços de cor roxa escura (óxido de manganésio). O centro é marcado por três círculos e um ponto. Do círculo mediano partem três linhas radiantes cada uma das quais termina no bordo por uma palmeta de cinco ou

¹ ROSELLÓ BORDOY, G., *Ensaio de sistematización de la Cerámica Árabe en Mallorca*, Palma de Mallorca, 1978, pp. 15, 55.



de seis nervuras. Entre cada uma das palmetas existe no bordo um desenho formado por dois semicírculos concêntricos contendo no interior uma digitação do tipo de nervuras de folhas. Toda a decoração é feita sem grande rigor geométrico e a estilização dos elementos vegetalistas e florais é extrema.

N.º 2 — Fragmento de malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 26 cm, altura 6,8 cm, espessura 0,5 cm.

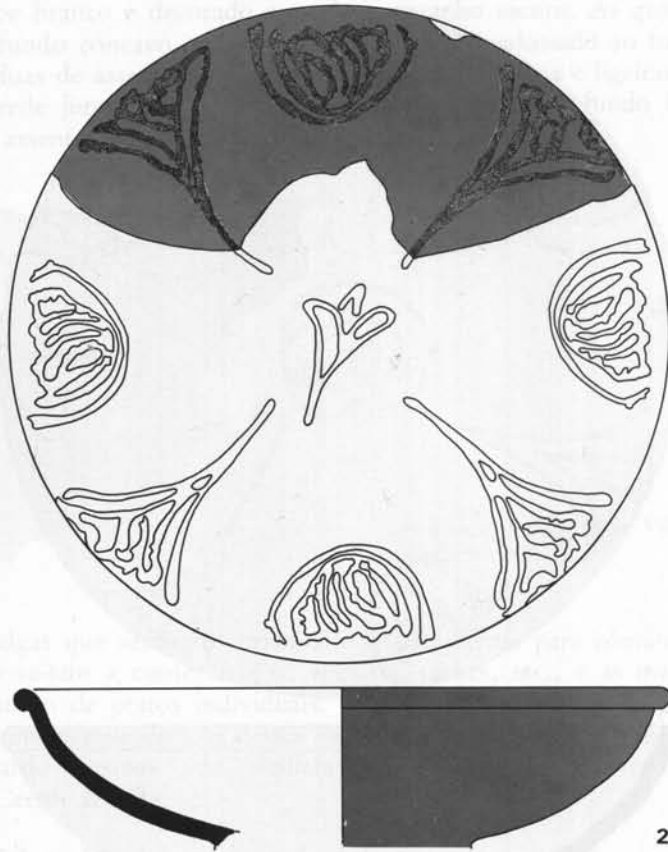
Pasta: vermelha, manchas escuras devido a diferenças de cozedura, fractura de bordos cortantes, poucos elementos acerâmicos.

Perfil: semelhante ao da peça anterior.

Conservação: trata-se de um fragmento de grandes dimensões que permite traçar praticamente por inteiro o perfil da peça.

Cobertura: o mesmo tipo de cobertura da peça anterior.

Decoração: é do mesmo tipo da anterior. O espaço foi dividido não em



três mas em quatro partes não sendo possível saber qual a decoração do fundo interior da malga. A estilização dos elementos vegetalistas é menos rude que na peça anterior e é possível observar que a digitação da palmeta é mais perfeita, bem como a digitação do elemento vegetalista no interior do único óvulo visível.

N.º 3 — Fragmento de malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 18,8 cm, altura 4,7 cm, espessura 0,6 cm.

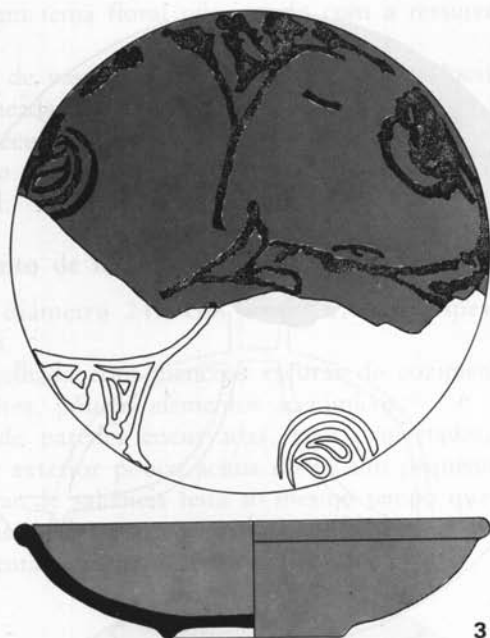
Pasta: rósea esbranquiçada, manchas escuras devido a diferenças de cozedura, fractura de bordos cortantes, poucos elementos acerbicos.

Perfil: semelhante ao das peças anteriores.

Conservação: fragmento de dimensões razoáveis que permite traçar por inteiro o perfil da peça.

Cobertura: vidrado melado com tonalidades verdes cobrindo o interior e o exterior da peça.

Decoração: semelhante ao da peça n.º 1 com o espaço interior dividido em três partes, sendo o centro da decoração ocupado por uma flor-de-lis bem desenhada.



N.º 4 — Fragmento de malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 25,4 cm, altura 7,4 cm, espessura 0,6 cm.

Pasta: vermelha com manchas esbranquiçadas devido a cozimento desigual, fractura de bordos cortantes, poucos elementos acerâmicos.

Perfil: semelhante ao das peças anteriores.

Conservação: o fragmento permite reconstituir o perfil total da peça.

Cobertura: vidrado semelhante ao da peça n.º 1.

Decoração: o que resta do vaso permite inferir que quatro cordas de arco intersectando-se formavam inicialmente uma cruz foliácea no interior do vaso.

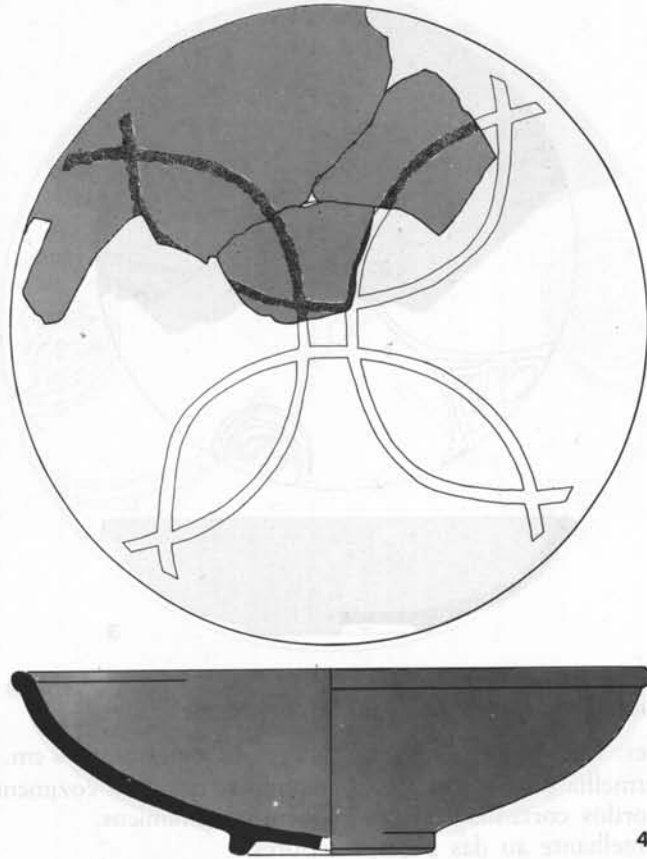
Estas quatro primeiras peças constituem um subtipo muito comum na cerâmica muçulmana da península Ibérica.

Salientem-se algumas características comuns: os vasos apresentam o mesmo perfil quer exterior quer interiormente, as paredes são de espessura uniforme, as peças assentam por pé de anel e não têm qualquer ressalto ou carena exterior.

Quanto ao vidrado, trata-se do verniz de chumbo a que se juntou o óxido de ferro (vidrado cor de mel), ou o óxido de manganésio (vidrado castanho escuro), ou o óxido de cobre (vidrado verde).

Quanto à decoração, em todas as peças se fez a divisão do espaço interior em três ou quatro partes, divisão muito comum na cerâmica árabe, e os três primeiros vasos apresentam a mesma decoração básica ainda que com variantes.

No que toca à interpretação dos elementos decorativos, repare-se em primeiro lugar nos meios óvulos. Como se pode ver na segunda peça, o meio óvulo contém uma folha ou flor em desenvolvimento. Compare-se esse elemento



decorativo com os bolbos da flor-de-lis que são motivos decorativos da cerâmica árabe de várias regiões, contendo aliás a própria flor-de-lis em embrião no interior, como é exemplificado nos desenhos seguintes:



1 — em Merv 2 — em Túnis 3 — em Samarra 4 — em Nishapur ²

² Cit. in WILKINSON, C. W., *Nishapur*, "Pottery of the early Islamic Period", Greenwich-Connecticut, s.d., p. 138.

Vd. CRESWELL, K. A. C., *Early Muslim Architecture*, II, Oxford, 1940, pl. 86-A, n.º 17.

Trata-se de um tema floral relacionado com a ressurreição, os jardins e o paraíso.

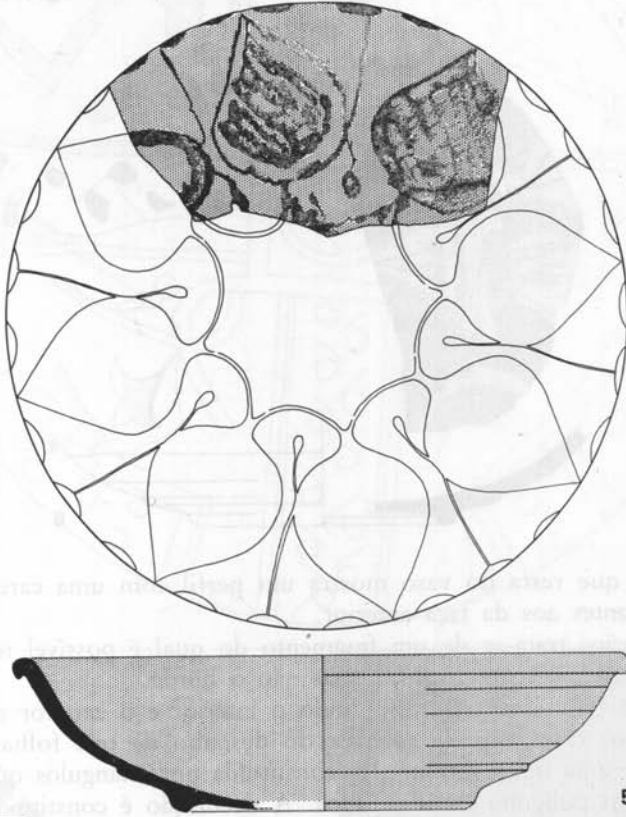
Este subtipo de vasos foi encontrado em muitos locais por toda a península Ibérica, nomeadamente em Almeria, onde Dorothea Duda os classificou, datando-os dos séculos VIII e posteriores³. Combinando a decoração com o perfil do vaso, o autor classifica estas quatro peças como pertencentes ao subperíodo califal.

N.º 5 — Fragmento de malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 24,8 cm, altura 6,8 cm, espessura variando entre 0,45 cm e 0,3 cm.

Pasta: avermelhada com manchas escuras de cozimento desigual, fractura de bordos cortantes, poucos elementos acerbânicos.

Perfil: taça de paredes encurvadas, bem projectadas, bordo ligeiramente saliente, na parte exterior pouco acima do pé um pequeno ressalto a modo de carena, base anular de saliência feita ao mesmo tempo que o resto da peça. As saliências são conseguidas em parte pelo estreitamento da espessura das paredes. O interior apresenta um perfil côncavo contínuo.



³ DUDA, D., *Die Frühe Spanische-Islamische Keramik von Almeria*, "Madrider Mitteilungen", XIII, Heidelberg, 1972, pp. 67, 55.

Conservação: trata-se de um fragmento que permite a reconstituição total da peça.

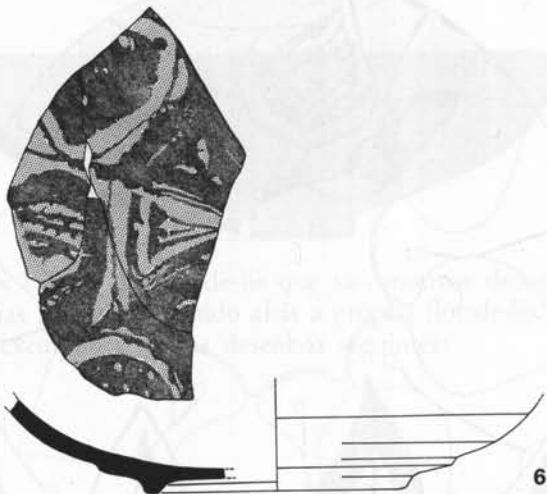
Cobertura: vidrado cor de mel no interior e no exterior da peça.

Decoração: o fragmento apresenta interiormente um desenho de folhas (ou bolbos de lis), uma inteira e duas fragmentadas, saindo de um centro com desenhos de difícil interpretação. As folhas apresentam internamente nervuras ou escamas. Dois filamentos vegetalistas saem do lado direito de cada folha e um deles dirige-se para o alto tocando a cercadura do bordo, o outro volta-se para o centro terminando em botão ou semente. O bordo mostra uma cercadura formada por duas linhas paralelas com um ponteadado interior constituído por pontos negros dispostos em dentes de serra. A decoração com motivos vegetalistas deste tipo é muito comum na cerâmica árabe oriental.

N.º 6 — Fragmento de malga vidrada cor de mel

Dimensões: diâmetro 21,2 cm, altura máxima actual 4,2 cm, espessura entre 0,2 e 0,9 cm.

Pasta: rosada, bem cozida, poucos elementos acerâmicos, fractura de bordos cortantes.



Perfil: o que resta do vaso mostra um perfil com uma carena e um pé muito semelhantes aos da taça anterior.

Conservação: trata-se de um fragmento do qual é possível reconstituir o essencial da parte inferior do vaso, mas não o bordo.

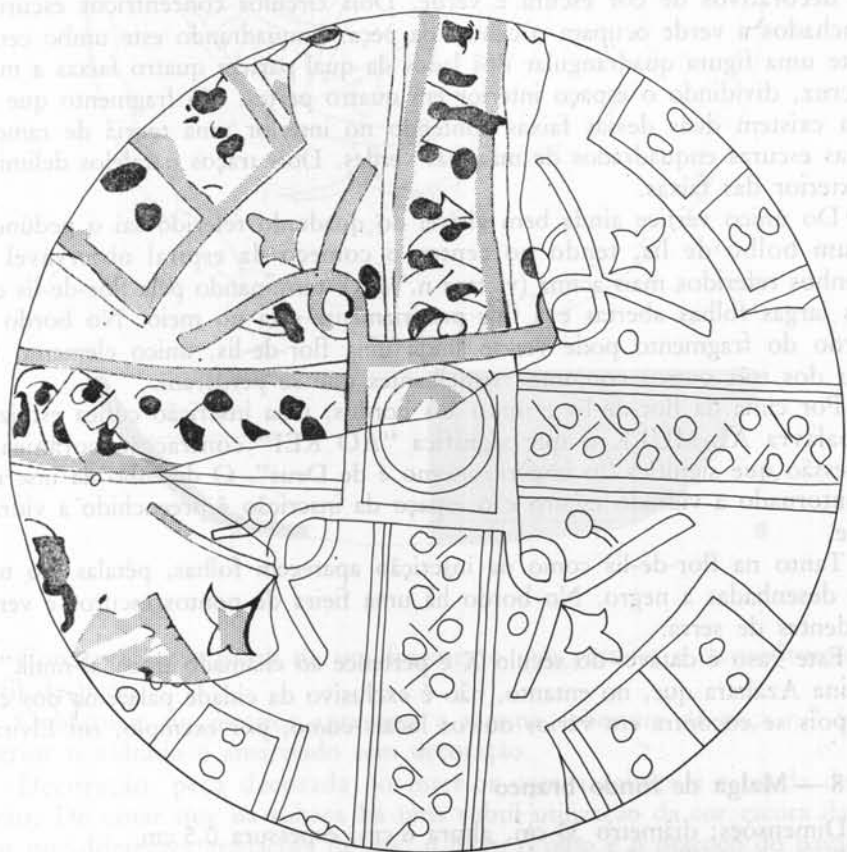
Cobertura: vidrado melado cobrindo o interior e o exterior da peça.

Decoração: resta a parte inferior do desenho de três folhas ou óvulos assentes sobre uma figura geométrica constituída por triângulos que formavam inicialmente um polígono de oito lados. A decoração é constituída sobretudo por linhas de cor roxa escura que esborrataram manchando a base das folhas ou óvulos e os elementos geométricos.

As peças números 5 e 6 pertencem a um subtipo com as seguintes características: perfil idêntico tanto interior como exteriormente, caracterizado principalmente pela existência de um assentamento e carena idênticos no exterior combinado com um perfil côncavo contínuo no interior e uma decoração de tipo geométrico e floral com muitas semelhanças.

A decoração, o pé e a carena fazem pensar em tipos cerâmicos califais, mas provavelmente de época tardia, finais do século X e princípios do XI.

N.º 7 — Malga de fundo branco



7

Dimensões: diâmetro, 33,1 cm, altura, 9,1 cm, espessura de 0,9 cm a 0,6 cm.

Pasta: rosada esbranquiçada, bem cozida, poucos elementos acerbânicos.

Perfil: vaso com o fundo assentando directamente no chão, e cujas paredes curvas arqueiam suavemente até um bordo ligeiramente saliente. As paredes são menos espessas junto ao fundo do que junto ao bordo.

Conservação: um grande fragmento de uma larga taça que permite a reconstituição por inteiro.

Cobertura: interior — engobe branco e vidrado transparente; exterior — vidrado esverdeado.

Decoração: sobre o fundo branco da peça foram desenhados alguns motivos decorativos de cor escura e verde. Dois círculos concêntricos escuros e manchados a verde ocupam o centro da peça. Enquadrando este umbo central existe uma figura quadrangular dos lados da qual partem quatro faixas a modo de cruz, dividindo o espaço interior em quatro partes. No fragmento que nos resta existem duas dessas faixas contendo no interior uma teoria de ramos e folhas escuras enquadrados de manchas verdes. Dois traços paralelos delimitam o exterior das faixas.

Do único vértice ainda bem visível do quadrado referido sai o pedúnculo de um bolbo de lis, tendo no centro o começo da espiral observável em desenhos referidos mais acima (v. taça n.º 2), e terminando pela flor-de-lis com duas largas folhas abertas e a flor propriamente dita no meio. No bordo esquerdo do fragmento pode ver-se ainda uma flor-de-lis, único elemento que ficou dos três outros conjuntos semelhantes que se perderam.

Por cima da flor-de-lis e junto aos bordos, uma inscrição cúfica estilizada de palavra AL-MULK o que significa “AO REI” contracção corânica da expressão que significa “o império eterno é de Deus”. O desenho da inscrição é contornado a vidrado escuro e o espaço da inscrição é preenchido a vidrado verde.

Tanto na flor-de-lis como na inscrição aparecem folhas, pétalas (ao todo seis) desenhadas a negro. No bordo há uma fieira de pontos escuros e verdes em dentes de serra.

Este vaso é datável do século X e pertence ao chamado tipo “al-mulk” de Medina Azahara que, no entanto, não é exclusivo da cidade palaciana dos califas, pois se encontra em vários outros locais como, por exemplo, em Elvira⁴.

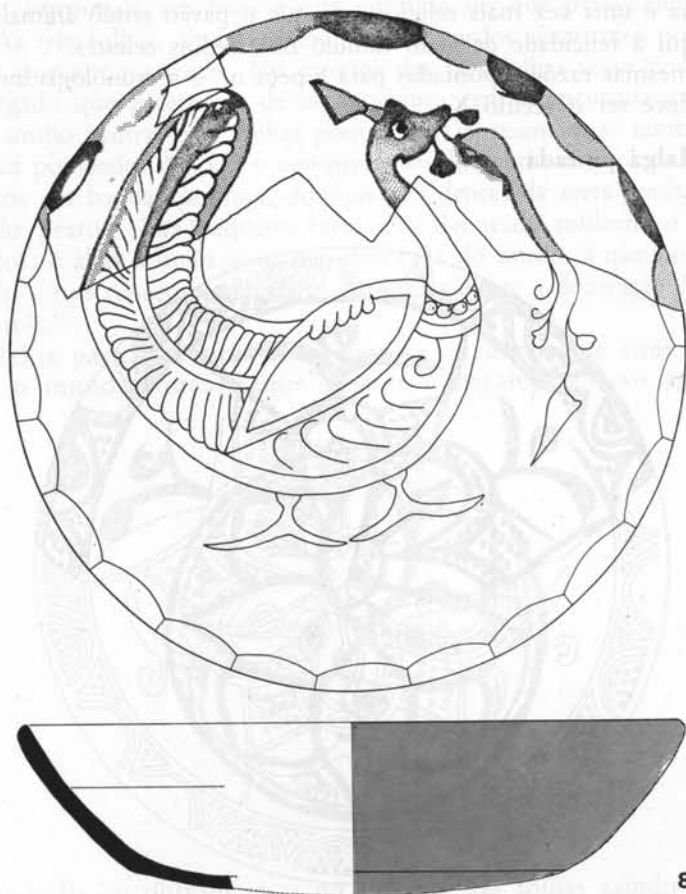
N.º 8 — Malga de fundo branco

Dimensões: diâmetro 33 cm, altura 6 cm, espessura 0,5 cm.

Pasta: vermelha clara com irregularidades de cozedura, muitos elementos acerbânicos.

Perfil: semelhante ao da peça anterior se bem que nesta taça o fundo e as paredes laterais apresentem uma linha descontínua que não existe na peça anterior. Por outro lado o bordo é aflautado e não rebordado.

⁴ LLUBIÀ, L. M., *Ceramica Medieval Española*, Barcelona, 1967, p. 43, pl. 27, 29.



Conservação: trata-se de um fragmento que permite a reconstituição do perfil da peça.

Cobertura: no interior apresenta a mesma cobertura da peça n.º 5, no exterior o vidrado é amarelado sem decoração.

Decoração: peça decorada no interior com a cabeça e a cauda de um pavão. De notar que na cabeça há uma subtil utilização da cor escura dando-nos por diferentes gradações de cor, o bico, o olho e o pescoço do pavão. A pena da cabeça, bem como a cercadura da cauda do pavão estão pintadas a verde. Folhas e um pequeno ramo pendem do bico. O bordo possui uma cercadura do tipo "dentes de serra" com cada um dos dentes de cor verde e roxo escura alternadamente.

Este é um exemplo clássico do mesmo tipo de vasos de Medina Azahara referidos mais acima, mas com figurações animais. Estes vasos são muito abundantes na cerâmica ibérica e na cerâmica oriental. Em Medina Azahara existem nomeadamente pavões com folhas no bico muito semelhantes a este.

O tema é uma vez mais religioso, já que o pavão sendo animal de jardim significa aqui a felicidade de além túmulo nos jardins celestes.

Pelas mesmas razões apontadas para a peça n.º 5 a cronologia indicada para este vaso deve ser o século X.

N.º 9 — Malga pintada



Dimensões: diâmetro 25,1 cm, altura 5,1 cm, espessura entre 0,4 cm e 0,6 cm.

Pasta: vermelha escura acastanhada, porosa, bem cozida, com fractura de bordos cortantes, poucos elementos acerâmicos.

Perfil: assenta pelo fundo, paredes incurvadas ligeiramente junto ao fundo e mais pronunciadamente perto do bordo. Este é largamente saliente.

Cobertura: ligeiro engobe de coloração acastanhada polido por afagamento. O engobe limita-se a sublinhar a coloração da pasta.

Decoração: peça não vidrada, no interior da qual está pintada a branco de cal uma decoração vegetalista de uma roseta de seis pétalas em torno de um círculo central sendo cada uma das pétalas sobrepujada por uma estilização de uma flór-de-lis (cf. desenho n.º 1). No intervalo entre cada uma das pétalas sai

uma folha terminada em bico e que culmina no que parece ser um longo espinho. As três folhas, ainda visíveis, têm os bordos acentuados por uma faixa percorrida por um ponteadado. No interior das três folhas vê-se um desenho já muito apagado que parece ser de uma nervura central encimada por um ponteadado. O umbo central e as folhas pontiagudas apresentam-se também decoradas por um ponteadado. A todo o comprimento do bordo da taça estão figurados semicírculos em banda contínua, do tipo de “dentes de serra” voltados para o interior do prato. Uma pequena faixa não decorada sublinha o bordo dos semicírculos; é aliás a única zona não decorada sublinha o bordo dos semicírculos e nos espaços intercalares entre eles existe a decoração do ponteadado referido atrás.

Paralelos para este tipo de decoração encontram-se com abundância em todo o mundo muçulmano. Veja-se o paralelo abaixo apresentado.



As flores-de-lis encontram-se aí no interior das folhas saindo dos bolbos originais enquanto no vaso que estamos a estudar sobrepõem as pétalas da roseta dando a ilusão de que as mesmas foram tomadas como bolbos dos quais saem o caule, folha e flor-de-lis.

Já foi referido o significado paradisíaco da flor-de-lis.

Ainda que a decoração seja de um tipo muito característico no Oriente, a forma de assentamento desta taça ou prato sugere uma cronologia para a peça que não estará longe do século X.

estas flores terminadas em cinco e que podem ser um pouco
 espaladas. As três folhas são visíveis, tanto as externas como as
 interiores, por um pequeno espaço. No entanto, as três folhas
 interiores não são visíveis, pois são cobertas por um
 tecido. O tempo central e as folhas pontuadas são visíveis
 das por um pequeno espaço. A todo o comprimento do
 interior do prato. Uma pequena faixa não decorada
 semicircular; e esta a única faixa decorada do bordo
 semicircular e não decorada com a decoração do
 interior das

Petalos para que não se confundam com as
 em todo o interior, visto que a decoração é diferente.



As flores-de-la-cruz encontram-se no interior das folhas
 originais, embora não sejam visíveis. As flores-de-la-cruz
 estão dispostas de modo que as mesmas sejam visíveis
 tanto a parte exterior como a interior das

As flores-de-la-cruz encontram-se no interior das folhas
 originais, embora não sejam visíveis. As flores-de-la-cruz
 estão dispostas de modo que as mesmas sejam visíveis
 tanto a parte exterior como a interior das

As flores-de-la-cruz encontram-se no interior das folhas
 originais, embora não sejam visíveis. As flores-de-la-cruz
 estão dispostas de modo que as mesmas sejam visíveis
 tanto a parte exterior como a interior das

As flores-de-la-cruz encontram-se no interior das folhas
 originais, embora não sejam visíveis. As flores-de-la-cruz
 estão dispostas de modo que as mesmas sejam visíveis
 tanto a parte exterior como a interior das

As flores-de-la-cruz encontram-se no interior das folhas
 originais, embora não sejam visíveis. As flores-de-la-cruz
 estão dispostas de modo que as mesmas sejam visíveis
 tanto a parte exterior como a interior das